

Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884)

An adequate fun? Bullfighting in the 19th century Rio de Janeiro (1870-1884)

Victor Andrade de MELO

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Contato: victor.a.melo@uol.com.br

Resumo: Esse estudo tem por objetivo discutir a retomada da organização de touradas observável no Rio de Janeiro entre os anos de 1876 e 1884. Centralmente é analisado o debate sobre a adequação da prática, processo que ao final levou a mais uma proibição da promoção de corridas de touros na cidade, ainda que por um curto período de tempo. Argumenta-se que em torno das tensões que se estabeleceram ao redor dos eventos tauromáquicos manifestaram-se algumas importantes questões do contexto histórico. Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados jornais publicados na capital no período em tela.

Palavras-chave: Touradas; Segundo Império; História do Esporte.

Abstract: This paper aims to discuss the resumption of the organization of bullfighting observed in Rio de Janeiro between the years 1876 and 1884. Centrally it is analyzed the debate about the adequacy of the practice, a process that ultimately led to a further prohibiting of the promotion of bullfights in the city. It is argued that the tensions around bullfighting events manifested some important questions of historical context. To reach the goal, sources such as newspapers published in the capital in the period displayed were used.

Keywords: Bullfighting; Second Empire; Sport's History.

Introdução

No Rio de Janeiro, as touradas começaram a ser organizadas em meados do século XVII. Comumente integravam a programação de festividades que eram promovidas para celebrar importantes datas da monarquia portuguesa. Eram espetáculos muito aguardados e valorizados pelo público que comparecia a tais eventos. Essa popularidade tornou-se ainda mais notável entre os anos de 1808 e 1821, momento em que a família real se instalou na cidade, em razão dos conflitos napoleônicos. (MELO, 2013).

Depois da Independência, houve um longo período em que não foram promovidas corridas de touro na capital. Elas somente seriam de novo oferecidas por um curto momento, entre 1840 e 1841, e numa temporada mais longa, entre 1847 e 1852. Nessas ocasiões, a forma de organização já

era bastante distinta: não se tratava mais do modelo estatal (isso é, patrocinado por agências governamentais, típico do período colonial), mas sim de um modelo comercial, custeado por empresários, que dependiam do afluxo de público para sua manutenção.

Na transição dos anos 1840-1850, as touradas se inseriam numa cidade que passava por profundas mudanças, ligadas a uma melhor organização de sua infraestrutura e ao delineamento de um comércio de entretenimentos, relacionados a uma sensível valorização da vida pública. Nesse mesmo cenário, aumentam-se os vínculos do Rio de Janeiro com o mundo “desenvolvido” europeu e o trânsito de discursos “civilizatórios”, a adesão à ideia de progresso, ao ideário e imaginário da modernidade. (SCHWARCZ, 1998).

A mesma dinâmica social que gestou as condições para que as touradas se estruturassem como um empreendimento comercial também acabou por colocar em xeque sua adequação. Se a proposta era “civilizar” os costumes, como aceitar um espetáculo tão “bárbar”? Poucos não foram os debates e conflitos que cercaram a prática. Ao final, não mais foram concedidas licenças, e um novo interregno se estabeleceu na promoção das corridas de touros que tanto encantavam um setor da população.

Somente em 1876, antecedidas por uma curta temporada na transição dos anos 1870-1871, as corridas de touros voltariam a ser organizadas numa cidade na qual - após a experiência da Guerra do Paraguai, uma das ocorrências mais marcantes do século XIX (BETHELL, 2012) – se dava sequência ao processo de modernização ao mesmo tempo que se entrava num período de ebulição.

De um lado, o Império chegou a seu auge, até mesmo no que se refere à unificação do território que, de forma generalizada, mobilizou-se ao redor do conflito armado, a despeito das muitas críticas à participação brasileira, exaradas nos jornais. De outro lado, a Guerra expôs algumas fragilidades do País. Em decorrência, aumentaram as pressões para a abolição da escravatura, bem como se fortaleceu um espírito de corpo no Exército brasileiro, uma instituição que ocuparia papel político de destaque. Já no aspecto econômico, os impactos foram profundos: o grande aumento das despesas públicas levou o governo a contratar empréstimos e elevar os impostos. (CARVALHO, 2012).

Os anos que sucederam o fim do conflito foram marcados pela atuação do mais longo ministério do Império, liderado pelo Visconde do Rio Branco (1871-1875), que deu sequência a algumas reformas (da polícia, do sistema judiciário e da Guarda Nacional), a antigas políticas consideradas importantes para a nação (como o incentivo à imigração) e a iniciativas ligadas à estruturação do Estado (realização do primeiro recenseamento nacional, implantação da telegrafia entre o Brasil e a Europa, construção de mais trechos ferroviários e melhoria nas condições de navegação). É importante perceber que, de toda forma, no decorrer do período monárquico:

Apesar das diferenças, o Brasil não ficou à margem do processo de expansão capitalista, marcado por uma significativa disseminação de valores, ideias, instituições, mercadorias e pela modernização dos meios de transportes e comunicações, como o telégrafo, o telefone, a ferrovia, as embarcações modernas... O país também experimentou tais mudanças só que de modo fragmentário e seletivo. (PAULA, 2012, p. 195).

Tendo em conta essas reflexões iniciais, este estudo tem por objetivo discutir a retomada da organização de touradas, observável no Rio de Janeiro entre os anos 1876 e 1884. Centralmente, é analisado o debate sobre a adequação da prática, processo que ao final levou a mais uma proibição da promoção de corridas de touros na cidade, ainda que por um curto período de tempo. Argumenta-se que em meio às tensões que se estabeleceram ao redor dos eventos tauromáquicos manifestaram-se algumas importantes questões do contexto histórico. Para alcance do objetivo, jornais publicados na capital no período em tela foram utilizados como fontes.

Retomando as touradas

Até que afinal temos as touradas. Sim, senhor, deixe o governo falar os pessimistas, consinta que seja somente à portuguesa, e verá que o público agradecerá mais esta sorte de espetáculo.¹

2 de julho de 1870. O *Jornal da Tarde* anuncia:

Acaba de chegar a esta Corte, de Montevideú, o Sr. Servand Gomes, empresário de uma companhia de touros [...]; propõe a dar espetáculos deste gênero em que tem sido muito aplaudido nas capitais de Lisboa, Madrid e Montevideú (p. 1).

Depois de 18 anos sem touradas, a notícia gerou um frenesi na cidade.

Conforme os meses iam passando, crescia a expectativa do público: “Os capinhas, toureadores e forcados já passeiam por esta cidade, vestidos de maneira que se tornam bem notáveis. Se pelo dedo se conhece o gigante, pela jaqueta se conhece o toureador”.² O cronista do *Diário do Rio de Janeiro* mal conseguia conter a ansiedade: “Mas quando estreará a companhia de touros, senhores? Até certo tempo não se falava senão nisso. [...] Paciência! A esperança é a virtude das almas nobres, e o circo... há de dar em alguma coisa por força!”.³ Muitas foram as notícias sobre o reinício das atividades tauromáquicas.

A praça de touros foi instalada na Rua da Guarda Velha (atual Rua 13 de maio), no mesmo espaço onde antes se encontrava o Circo Olímpico e onde, em 1871, seria construído o Teatro Lírico. Como se pode perceber, a despeito das muitas expectativas, a arena teve vida curta. A cidade

ainda sentia os desdobramentos da Guerra do Paraguai, que também teve impacto no âmbito do entretenimento.

É somente a partir de 1876 que as corridas de touros passaram a ser de novo realizadas com frequência. Em janeiro foi concedida a licença para a construção de uma nova praça. O jornalista da *Gazeta de Notícias* celebra a novidade: “Se é verdade como cremos, damos os parabéns a esta população, por mais esse divertimento”.⁴

Na *Semana Ilustrada*, o cronista que assina como Dr. Semana comenta extensamente, com tom irônico, a retomada da prática: “Essa medida era altamente reclamada pelos interesses sociais, usos, costumes e instituições. Não basta ter uma constituição, duas câmaras, ouvir missa e praticar outros atos de boa moral. É preciso alguma coisa mais. Essa cousa é uma tourada, ou outra equivalente”.⁵

Para o autor, mesmo na Inglaterra, país marcado pela parcimônia e pelo equilíbrio, sentiam-se como “necessários” divertimentos mais excitantes: “Mas que seria tudo isso sem a briga de galos? Seria o mesmo que comida sem sal ou chá sem açúcar”. As touradas seriam concebidas como contributos para fortalecer os sentidos humanos:

Um povo precisa fortalecer a fibra vendo correr algum sangue. É a razão pela qual se junta gente logo que dois sujeitos se engalfinham na rua. O sangue tem grande ação no caráter moral de um homem: é uma espécie de cimento que lhe dá solidez.

Por isso, sempre ironicamente, sugere o cronista: “Brigas de touros ou de galos, ou de qualquer outro animal, seja ou não mamífero, são coisas muito necessárias ao progresso da sociedade: e não há Estado bem organizado que não os anime ou subvencione”.

Sugere o autor que a cidade bem acolheria a diversão:

Não tenho a honra de conhecer o empresário das touradas, nem sei quem seja. Mas esse cidadão é por força homem perspicaz e observador. Ele viu, não só que a tourada corresponde a um dos mais nobres instintos do homem, mas também que é negócio da China nesta boa e leal cidade.

Sua ironia final é brilhante: “preparo-me para a primeira tourada. Sinto o espírito muito abatido e preciso elevá-lo com alguma cousa verdadeiramente digna do homem. *Panem et circensis* era o grito dos romanos. É o meu, com uma pequena variante: *Carne barata e touros*. E viva a Penha!”.

O cronista reuniu os argumentos que comumente eram mobilizados pelos admiradores das touradas. Frente à constante crítica a sua inadequação, com o decorrer do tempo foi se modificando o padrão da defesa. Se antes somente se contestava a acusação de que se tratava de uma prática bárbara, a partir de então, mais ainda, se tentava demonstrar que as corridas de touros poderiam dar

boas contribuições para a nação, um tema que se tornou candente naqueles momentos posteriores à Guerra do Paraguai.

A nova praça foi instalada na Rua Marquês de Abrantes, antigo Caminho Novo de Botafogo. Vale a pena dedicar algumas linhas para discutir a construção desse novo redondel em uma região distinta àquela que até então acolhera as arenas.⁶ Uma das ocorrências que nos ajudam a entender essa mudança é a própria ampliação da rede de transporte e das vias de acesso, facilitando-se o afluxo de público. (WEID, 1994).

Além disso, especialmente no decorrer dos anos 1880, a instalação de indústrias na Zona Sul atraiu para a região novos personagens, uma classe operária em formação, em parte também composta por estrangeiros, inclusive e notadamente de Portugal, que traziam alguns dos hábitos de seus países de origem.⁷ A cidade se espraiava geograficamente à mesma medida que se diversificava sua estrutura econômica; mudava o perfil de trabalhadores, crescia o número de moradores. A ampliação de iniciativas de associativismo e de participação na vida social marcará esse novo momento. (BATALHA, 1999; FONSECA, 2008).

O novo empreendimento procurou atrair o maior espectro possível de público. Às vésperas da inauguração da nova praça se esperava grande assistência para as corridas que seriam realizadas à moda portuguesa, isso é, valorizando-se o toureio a cavalo, com a participação de forcados e sem a morte do touro no final. (CAPUCHA, 1988). No caso do Rio de Janeiro, a adoção desse modelo atendeu historicamente a duas dimensões: o relacionamento com padrões culturais do antigo colonizador; o argumento de que não se tratava de uma prática violenta, como supostamente seria aquela organizada nos moldes espanhóis (o auge do espetáculo era a morte do animal).

Nos anúncios, fez-se questão de enfatizar que: “apartes alguns trambolhões, nenhum perigo há nestas corridas”.⁸ Ressaltava-se a disponibilidade de bondes e os preços dos bilhetes, vendidos na arena e no prestigioso Hotel Ravot, onde se hospedavam pessoas de posses, entre os quais muitos dos que dirigiam os negócios do café. Pela primeira vez no País aparece a distinção entre arquibancadas no sol (2\$000) e na sombra (3\$000), além de camarotes, aumentando-se a divisão da plateia por renda.

O comentário da *Gazeta de Notícias* sobre a inauguração enfatiza que, ao contrário do que alguns esperavam, não houve cenas de sangue ou violência extrema. O programa parece ter sido bastante irregular, mas, na visão do jornalista, o público que lotava a arena não se sentiu desagradado. Houve, sim, reclamações. Alguns criticaram a má organização das tribunas. Mas, enfim, na avaliação do cronista, foi um bom recomeço.⁹

A segunda sessão já não foi tão concorrida. Como motivos para tal apontam-se a ameaça de chuvas¹⁰ e, um antigo tema que sempre cercou as corridas, a qualidade dos touros: “os animais são

pouco corpulentos, delgados, de muito pé, mas não tão bravos como seria de desejar. Negam quase todas as sortes aos cavaleiros e ensarilham geralmente”.¹¹

Ainda mais, seria de baixa qualidade a companhia de touradas, destacando-se a má atuação do toureiro principal, Francisco Frascuelo: “não tem sangue frio; raras vezes espera o touro bem, e querendo sempre produzir efeito, aproveita as *ocasões* de meter os ferros conforme pode, e raras vezes em *sorte*. Precipita as retiradas, o que faz com que seja desfeito pelo touro”.¹²

Vejam os que, a despeito de nos anos anteriores não ocorrerem muitas corridas na cidade, os narradores demonstravam, ou pelo menos aparentavam, ter algum conhecimento técnico sobre o espetáculo. O público, aliás, por diversas vezes exigiu compostura e procedimentos corretos por parte dos toureiros. Os jornais registravam esse problema: “Em geral a tourada correu regularmente; torna-se, porém, necessário que a autoridade faça presidir o espetáculo por uma pessoa entendida e autorizada, que tudo determine e a quem todos obedeçam”.¹³ Em tom de alerta, o *Diário do Rio de Janeiro* lembrava os conflitos do passado, as ocasiões em que arenas foram destruídas (notadamente na transição dos anos 1840-1850): “pedimos nós providências das autoridades, porque essa anarquia pode dar lugar a funestas consequências”.¹⁴

A despeito da qualidade irregular das atividades tauromáquicas, os amantes da prática mantinham-se ativos e prestigiavam os espetáculos. Mais ainda, procuravam participar da “prova dos curiosos”, um costume que vinha da década de 1840: nas corridas, era oferecido um touro para que voluntários da plateia enfrentassem. Essa atividade era, para o promotor, interessante do ponto de vista comercial: atraía público, que esperava a demonstração pública de coragem, e ainda o desobrigava de mais um animal de qualidade (eram comumente aproveitados os mais velhos e já corridos). Todavia, havia muitas críticas a essas práticas. Para alguns jornalistas, o mau desempenho dos amadores traía o que se esperava de um espetáculo de qualidade; eram inaceitáveis as cenas de crueldade com o animal.

Alguns “curiosos” (que, inclusive, assim se apresentam nos jornais), contudo, não se mostram rogados com as críticas. Inicialmente solicitam a manutenção da prova, bem como sua melhor estruturação.¹⁵ Posteriormente começa a circular pela cidade a notícia de que esses amadores iriam promover corridas por eles protagonizadas integralmente, com caráter beneficente.¹⁶ Por fim, reunidos no Real Clube Ginástico Português (agremiação que agrupava parte considerável da colônia portuguesa na cidade) em janeiro de 1877, fundaram uma sociedade própria – o Clube Tauromáquico.

Vemos explicitamente uma ocorrência que marcou a trajetória das corridas de touros no Rio de Janeiro: a relação com a colônia portuguesa. O fato é que era ambígua a presença da cultura lusitana e de portugueses na cidade, em um cenário em que o País pretendia se afirmar como independente. De um lado havia louvações aos laços em comum entre as nações, a certas tradições e

costumes que tinham se enraizado no cotidiano. De outro lado, era isso mesmo que incomodava os que pretendiam definitivamente construir uma nação “civilizada”, que se livrasse da herança colonial. As touradas eram, de alguma forma, uma celebração de hábitos do antigo colonizador e, também por isso, exaltadas por alguns, da mesma forma que por outros eram contestadas.

A criação de agremiações de cariz português, que se tornou comum em muitas cidades brasileiras no século XIX, deve ser entendida como uma estratégia de afirmação da colônia. Atendia tanto ao desejo de auto-organização, para fazer frente aos problemas enfrentados e para celebrar a relação com a pátria distante, quanto à necessidade de demonstrar à sociedade brasileira o valor dos lusitanos. (FERREIRA, 2007, FONSECA, 2008).

Teria esse sido o caso do Clube Tauromáquico?

Um clube de “curiosos”

A proposta do Clube Tauromáquico era congregar os que apreciavam e desejavam participar ativamente das touradas, sem interesses financeiros. A partir de então, havia na cidade dois tipos de espetáculos: organizados pela companhia de toureiros ou pela nova agremiação, ambos na praça da rua Marquês de Abrantes. Na verdade, alguns profissionais até mesmo ofereciam ajuda e tomavam parte nos eventos da sociedade de amadores. Além disso, seguiu ocorrendo a prova dos “curiosos” nas corridas promovidas pela empresa.

Segundo *O Globo*, o clube reunia “jovens em sua grande maioria pertencentes à classe comercial”.¹⁷ A primeira diretoria confirma esse perfil. O presidente era José João Martins de Pinho, comerciante que atuou em várias casas bancárias. Teve grande envolvimento com o Liceu Literário Português e com várias outras instituições ligadas à colônia portuguesa, como a Caixa de Socorros de D. Pedro V, o Gabinete Português de Leitura e a Beneficência.

Outro membro da direção foi José Mendes de Oliveira Castro, também comerciante, envolvido com os novos negócios da cidade: foi membro da direção do Banco do Brasil, da Companhia de Carris do Jardim Botânico, da Companhia de Seguros e Bancária Integridade e Industrial do Brasil, entre outras empresas. Foi diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

O clube possuía, portanto, um perfil bem curioso. Tratava-se de gente ligada aos novos negócios - capitalistas, mas que possuíam ligações com antigas tradições familiares portuguesas. De fato, havia muitos lusitanos envolvidos com o comércio e a indústria, enquanto as elites brasileiras estavam mais envolvidas com o setor agropecuário, com as profissões liberais e com cargos políticos e administrativos. (FREITAS FILHO, 2002).

A primeira tourada pelo clube organizada, em 11 de março de 1877, foi promovida em benefício de vítimas de uma inundação em Lisboa e de uma instituição de caridade do Rio de

Janeiro (que não foi nominada). Tendo em conta o “fim humanitário a que é destinado o produto desta festa” e “confiando nosso sentimento de proverbial filantropia deste público”, os preços dos ingressos foram aumentados.¹⁸ Deve-se destacar que no evento houve dois procedimentos comuns entre as agremiações lusitanas instaladas na cidade: a demonstração do envolvimento com causas beneficentes e a dupla vinculação com Brasil e Portugal.

O evento gerou grande expectativa. O colunista de *O Globo*, que assina como Sir Mask, dá uma noção do frenesi: “Há oito dias, leitor querido, que não me sento, não durmo, não como, não sossego! Por toda a parte ouço pronunciar com entusiasmo, com encanto, com furor, a palavra – Tourada!”.¹⁹ Ele enumera uma série de espaços da cidade nos quais, a seu ver, só se falava no assunto. Os motivos, contudo, não eram os mais nobres, como poderiam esperar os promotores: “tem o sabor do perigo, do imprevisto, do horrível e... cheira a sangue!”

Mesmo sendo uma corrida de amadores, prometiam-se os procedimentos completos, com todas as funções preenchidas. A observância do pleno ritual, com todas as vestimentas e medidas, nos deixa perceber a conexão com símbolos portugueses: seguiu-se ao máximo o modelo de corridas à Marialva.²⁰ Ao que tudo indica, o evento estava bem organizado e as tribunas, lotadas.

O resultado parece não ter decepcionado, pelo menos aos entusiastas da *Gazeta de Notícias*. Para o jornal, os jovens participantes tinham mesmo surpreendido:

Brincava um sorriso de complacente ironia nos lábios de quase toda a gente quando se falava de touradas; poucos acreditavam que aqueles rapazes fossem para frente de um boi sem recuar; esse sorriso desapareceu em presença dos aplausos entusiásticos [com] que o público aplaudiu a tourada de ontem.²¹

Para alguns, essa nova conformação das corridas de touros as colocavam em um patamar superior. Para um colunista, ainda que desprovidos de boa técnica, deveria se louvar a atitude dos envolvidos: “Um punhado de mancebos destemidos e generosos, com o intuito de enxugarem as lágrimas de muitos desgraçados, resolveram expor-se aos perigos de uma tourada, para adquirirem os meios para realizarem o seu intento”.²² Para ele, tratava-se de uma demonstração do valor desses jovens: “uma prova de que em face d’um animal embora furioso, a presença de espírito do homem, auxiliada pelas regras da ginástica, deve fazer este sempre vencedor”. Nessa compreensão, as atividades tauromáquicas eram mesmo tidas como exercícios ginásticos, como uma forma de preparação do corpo e do espírito.

L., na *Gazeta de Notícias*, de 17 de março de 1877, dá ares poéticos à façanha dos jovens toureadores amadores. Para ele, em vez de uma barbaridade, demonstrou-se o quanto a “civilização sabe desenvolver o homem e o educar para afrontar os perigos mais imediatos, e o ensinar a livrar-

se dos ataques mais brutais”. (p. 1). Emoção e preparação corporal e de caráter: para L., esses eram aspectos que valorizavam as corridas de touros.

O evento fortaleceu a posição dos que defendiam as touradas. Por seu fim humanitário, por ter como protagonistas “moços de fino trato”, por ser uma ocasião em que se demonstrou o valor e a bravura de homens, não se poderia comparar as corridas do Rio de Janeiro com os

divertimentos sanguinários da Espanha fanática, nem de Roma dissoluta; os que lá foram não tinham em mente ver morrer seus semelhantes, mas ver socorrer vítimas e pôr em prática, por uma forma ainda atraente, os princípios moralizadores da filantropia.²³

Mesmo *O Mosquito* não deixou de, ainda que com tom irônico, observar que esse foi o principal assunto da semana:

Por toda a parte, no café, na rua, na secretaria dos estrangeiros, no lar doméstico, em Paquetá, nos bondes, nos folhetins, no largo do Rocio, nos camarins, no chalé campestre, nas publicações a pedido, na sociedade Amor da Glória, nos estabelecimentos comerciais, nas irmandades, nas ilhas adjacentes, na barca de banhos e nos hotéis, de dia, de noite, de manhã e de tarde, às ave-maria e ao romper da aurora, sempre, sempre, sempre a tourada foi o primeiro assunto do momento e a caridade o segundo.²⁴

A própria capa dessa edição, de autoria de Bordallo Pinheiro, faz referência ao evento. Com o subtítulo de “Festa de caridade – A caridade da festa”, apresenta-se uma mãe, com crianças à saia e no colo, farpeando um touro bravo. Mais ainda, com a verve cômica de sempre, apresenta o desenvolvimento do espetáculo em quadrinhos, ironizando a dinâmica e as ocorrências das corridas, e aproveita a ocasião para satirizar a política nacional.

Em junho, uma vez mais se anunciou uma atividade do clube, corridas em favor da Caixa de Socorros D. Pedro V. O público atendeu ao chamado e lotou os camarotes e arquibancadas da praça que estava, como na ocasião anterior, bastante ornamentada. Muitos julgaram essa atividade superior à anterior. Como antes, e como será observado na terceira tourada, realizada em novembro, em benefício dos atingidos pela seca no norte do Brasil, destacava-se a presença de importantes personalidades do Império.

A despeito dos elogios ao clube, normalmente da lavra de quem já defendia as touradas, nem tudo foi um mar de rosas. Não faltou quem questionasse os reais intuitos e as contradições das suas ações. Para Sir Mask, a valorização das corridas devia-se ao fato de que a “nossa nacionalidade não tem ainda uma feição sua, não tem tradições quase, não tem costumes populares perfeitamente assentados”. Segundo seu olhar: “Não podemos aplaudir, não podemos compreender sequer que para uma festa de amor, de caridade, se busque um espetáculo perigoso, bárbaro, contrário à nossa

civilização, e particularmente à nossa índole, tão paciente e passiva”.²⁵ Sua posição era clara: tratava-se de uma prática do antigo colonizador que deveria ser abandonada.

Um dos mais contundentes foi Nemo,²⁶ em crônica publicada na *Gazeta de Notícias*: o “Clube Tauromáquico, o promotor do divertimento bárbaro das touradas, convidou no domingo passado o povo desta capital para dar largas aos instintos maus e carnicieiros que ele, o Clube, alimenta e supõe alimentados pelo fluminense pacato”.²⁷ Para Nemo, tratava-se de uma diversão brutal, que traía os princípios dos cidadãos da capital.

Para o autor, um indício da inadequação das touradas era o fato de que a família real, apesar de sempre ser convidada, nunca tenha dado o ar da sua graça. Nemo exultava: “É inútil dizer que S. M. o Imperador não assistiu à festa, [...] enquanto Sua Majestade honra com a sua presença as récitas da companhia lírica”.²⁸

Isso também chama a atenção de Máscara Azul.²⁹ “Outro boato que vozeia é que S. M. o Imperador não compareceu à corrida de touros porque detesta esse espetáculo”.³⁰ No folhetim da *Gazeta*, de 17 de novembro de 1877, esse mesmo cronista comenta os boatos sobre as posições de Pedro II frente às touradas. Para ele, caso seja verdade que ele não aprecia a prática, é uma prova de que o chefe de Estado “tem coração e repugna-lhe o sangue. Aplaudo, aplaudo!”.³¹

Não passariam, assim, de “corruptos e corruptores” os que defendiam uma prática “que fere também os nossos brios nacionais”. Por isso, dispara o cronista, “O clube [...] não passa de uma escola de facínoras”, ainda que supostamente se engajasse em causas nobres. No caso do evento criticado, o despautério seria ainda maior, pois o que revertia em benefício da mãe de Gonçalves Dias, um dos motivos que norteou a realização, traía a memória e os princípios do poeta, que elevou “o nome da pátria” e trabalhou para “lançar pela ciência e pela arte as sementes da paz universal”.³²

O Clube Tauromáquico, assim, se por um lado deu aos defensores bons argumentos, de outro lado acabou por acentuar as críticas. De toda forma, é inegável que as touradas adotavam um novo padrão. A prática - que vinha do período colonial, a princípio tão ligada ao colonizador, cujas referências, na visão de alguns, se deveria abandonar para forjar uma identidade nacional; que lembrava tanto o rural, que cada vez ficava mais distante em uma cidade que assumia definitivamente o papel de capital do Império, com aspirações ao progresso - dialogava com os novos tempos e assumia uma nova dinâmica que a aproximava de um conjunto de valores e representações que, a princípio, lhe eram oponentes. Esse movimento aproximava as corridas de touros do esporte. A própria formação de um clube era uma expressão dessa tendência.

Em 1878, o clube reduziu suas atividades; passou a somente se fazer presente em algumas corridas de touros promovidas pela companhia profissional. Em junho, uma pá de cal é lançada sobre a iniciativa: o Ministério do Império indefere o pedido de aprovação dos estatutos. A

agremiação se extingue, mesmo que alguns contestassem a decisão governamental, como o cronista do folhetim de *O Cruzeiro*, Saphir.³³

Suas considerações nos parecem muito interessantes por demonstrar como se semeava mesmo uma aproximação das touradas com o esporte, uma prática que já gozava de grande popularidade e reputação. (MELO, 2009). Ele começa por observar o papel que o turfe ocupava na sociedade de então: “está fora de dúvida que uma capital qualquer sem *Jockey Club* é coisa que já hoje se não pode tolerar”. A partir desse olhar, contesta a hipocrisia de um setor que finge que “não gosta igualmente das corridas de touros”. Não haveria justificativa para opor turfe e touradas, nem tampouco “se compreende o motivo por que não foram aprovados os estatutos do *Clube Tauromáquico*”. No seu entender, ambos poderiam contribuir para apurar a raça dos animais nacionais. Além disso, era inegável que o público “tanto se delicia no Prado como se regozija no circo da rua do Marquês de Abrantes”.

Em *O Cruzeiro*,³⁴ Zero demonstra ainda maior indignação. Para ele, a não aprovação dos estatutos devia-se ao fato de que a ideia de civilização virara uma espécie de oráculo para o governo. O pior é que o próprio não reprimia certas práticas pouco civilizadas, como, no seu ponto de vista, a ação da polícia. Não haveria a menor base legal para a perseguição à agremiação, e a burocracia imperial não deveria se arvorar a dessa forma interferir nas escolhas dos indivíduos (até porque a praça de touros seguia aberta e funcionando a todo vapor).

Essa tensão de diferentes formas manifestar-se-á outras vezes. Em março de 1879, o governo proíbe a realização de uma tourada em benefício do Asilo dos Meninos Desvalidos. Essa notícia mereceu dois comentários na *Gazeta de Notícias*, de um anônimo e do cronista F. de M.³⁵ A esse último pareceu absurda tal intervenção, ainda mais quando havia um intuito tão nobre. Ironizava a “sensibilidade” civilizada do ministério: “o que não compreendemos é como o Sr. ministro não permite uma tourada em benefício de uma instituição pia, e tem permitido e permite outras touradas”.³⁶

Não houve jeito: o clube não foi autorizado a funcionar. Mas as corridas de touros seguiriam ocorrendo e empregando uma parte da sociedade carioca.

Aumentam as tensões

Mesmo cercadas de contestações, as touradas parecem mesmo ter conquistado o interesse do público, que constantemente lotava a arena da rua Marquês de Abrantes. Como dizia um jornalista: “Podem aqueles que só gostam de bois no prato propalar que o nosso público não gosta de corridas de touros, que a concorrência às últimas que tem havido aí está para provar o contrário”.³⁷ Em

muitas ocasiões foi até mesmo necessário aumentar o número de bondes para os que compareciam à praça.

Conforme o espetáculo foi tendo continuidade, o público o compreendia melhor e se tornava mais exigente.³⁸ Essas expectativas aumentavam o custo da promoção. Os empresários, não podendo dispor de incentivos governamentais (como eventualmente já ocorria com o remo e o turfe), tinham mesmo que contar com os pagantes. Quando havia deficiências na organização das corridas, não poucas vezes emergiu a delicada questão do excesso de violência. Para os entendedores, a barbaridade se manifestava quando não havia a técnica, o que prejudicava a reputação da prática, dando-se razão para os que a criticavam. Assim, cobrava-se que fossem contratados profissionais gabaritados. Da mesma maneira, exigia-se uma arena mais confortável, que permitisse a plena fruição das touradas.

Nesse sentido, entende-se a popularidade de um dos mais renomados toureadores que no Brasil atuaram: Francisco Pontes. Uma das necessidades de espetáculos como o das touradas (e também dos esportes em geral) é a gestação de um herói, um indivíduo que dramatiza todos os desafios e qualidades da prática. Esse bandarilheiro, por vezes denominado “rei dos toureiros”, começou a se apresentar na cidade em fevereiro de 1878 e rapidamente tornou-se multiplamente reconhecido, pelos membros do Clube Tauromáquico, pela imprensa e especialmente pelo público, que apreciava seu desempenho, constantemente celebrando sua performance com presentes atirados na arena e chapéus atirados ao ar. Não devemos desprezar o fato de que parte do seu sucesso se devia ao fato de que, à frente da Companhia de Toureiros Portugueses, angariava simpatias da colônia no Rio de Janeiro.

Os jornais não poupavam elogios ao português. Para a *Gazeta de Notícias*, “de todos os artistas tauromáquicos que nos tem visitado, nenhum se tem distinguido mais do que Pontes”. Ele conseguiria aliar um “conhecimento profundo da arte difícil e arriscada” a “grande sangue frio, firmeza e perícia”.³⁹ Os elogios à sua atuação vão crescer na década de 1880. Ele será por décadas um dos principais dinamizadores das corridas de touros no Rio de Janeiro.⁴⁰

Além da má qualidade, havia uma ocorrência que contribuía para reduzir o público dos espetáculos de touros: a diversificação e ampliação dos entretenimentos. O colunista do *Diário do Rio de Janeiro* percebe isso em maio de 1877. Para ele, um dos motivos da baixa procura à sessão da véspera foi que no mesmo dia houve “o passeio da sociedade Congresso Ginástico Português ao Jardim Botânico e as regatas de nadadores anunciadas para a praia de Botafogo”,⁴¹ essas últimas, promovidas por uma nova agremiação, o Clube Boyton.

Havia ainda as atividades do turfe, do remo e das sociedades dançantes. Em 1878, uma novidade surgiria, o Skating Rink, que oferecia a patinação, uma prática que lograria grande sucesso no Rio de Janeiro. Isso sem falar nos teatros e circos, que se espalhavam pela cidade:

Theatro-Circo, Phenix Dramatica, S. Pedro de Alcantara, Circo Luzo Brasileiro, Imperial Theatro Pedro II, Theatre des Varietes, Circo Casali, Theatro S. Luiz, entre outros. A cidade recuperara seu vigor no âmbito do entretenimento, depois de um interregno no tempo da Guerra do Paraguai. As corridas de touros se inseriam nessa dinâmica.

Nada incomodava tanto os apreciadores das touradas quanto as críticas a sua adequação. Na verdade, elas cresceram *pari passu* com o processo de modernização do Rio de Janeiro. Até mesmo notícias vindas do exterior eram usadas para questionar sua permanência, como essa que narrou conflitos em uma arena na França:

O internacionalismo das ideias e da civilização tem um limite marcado. A religião e os costumes de um povo dificilmente se alteram, e os mesmos divertimentos e jogos que em alguns países servem de recreio, em outros são às vezes causa de grandes desgraças.⁴²

Desde o momento em que as touradas foram retomadas, em 1876, a tensão era latente. Como bem definiu na ocasião um cronista:

Felizmente, no meio de todas estas sensaborias, sempre pilhamos as touradas. É seguramente a toureação o que nos deu de melhor o ano. E ainda assim as opiniões dividem-se sobre o assunto. Há uma metade que gosta da toureação e outra que prefere o boi desmanchado em bifés de cebolada. E discutem.⁴³

Essa percepção será expressa em outras ocasiões. O colunista que assina o folhetim da *Gazeta de Notícias*, de 6 de março de 1877, assim observa:

A respeito de touros, falo com toda a franqueza, não conheço meio termo. Ou se gosta ou não se gosta. Não há partidos neutros nesta questão. Não há expectativa possível. Um indivíduo, qualquer que ele seja, depois de assistir a uma corrida de touros pela primeira vez, ou nunca mais lá torna ou não lhe escapa mais nenhuma. A opinião pública a respeito deste espetáculo divide-se também em duas manifestações diametralmente opostas. Ou extrema direita ou radicais. Desconhece-se nesta questão os partidos de centro; ou a bandeira branca ou a vermelha! Não há quem encolha os ombros numa questão desta ordem. Ou se clama em altas vozes que uma corrida de touros: - é um espetáculo imoral, sanguinolento, que corrompe os costumes de um povo, que lhe suscita instintos cruéis; ou então se proclama como uma diversão útil ao corpo e salutar ao espírito, como despertando pelo exercício ginástico, pela observação cuidadosa e exata do animal, toda a força de músculos, acentuando a energia do caráter. O homem que não treme em frente de um touro, que o espera, que luta com ele, que o vence, adquire uma altivez elegante no porte, e uma serenidade valente para as ocasiões difíceis da vida.

Ao desenvolvimento do corpo juntam os que se entregam a este exercício a coragem para afrontar o perigo. (p. 1).

As posições eram, de fato, apaixonadas. Em setembro de 1876, alguém que assina como “Civilização”, critica, em missiva ao governo, a concessão de licença para promoção de um divertimento que depõe contra o “estado de civilização”, uma barbaridade em que “tours bravios são martirizados e depois mortos; quando não matam algum dos capinhas”. Para o autor, a Câmara se rendera a “troco de alguns mil réis”.⁴⁴

Já entre os que defendiam a prática, havia desde argumentos mais nobres, como a contribuição para a formação de um homem mais bem preparado para enfrentar os desafios sociais ou a melhoria da raça nacional de gado, passando por questionamentos aos críticos, já que seria um equívoco dizer que eram violentas as corridas, chegando até a alguns posicionamentos hilários, como o que apresenta A. Gil:

E eu tenho um amigo que não vai às touradas, porque acha bárbaro esse divertimento, e como esse meu amigo há por aí ainda muita gente. Relativamente ao touro, é com efeito uma barbaridade, mas, como eu acho menos cruel uma noite no xadrez, do que a pena de morte, entendo que o touro também preferirá um par de farpas a ser imolado no matadouro. E quem duvidar, pergunte a ele.⁴⁵

Vale a pena, pela importância do personagem e por suas posições expressarem algo do que pensava um setor da sociedade de então, prospectar os olhares de Machado de Assis sobre as touradas. Uma das possibilidades mais interessantes de suas crônicas, aliás, é permitir compreender como as elites urbanas em ascensão se posicionavam frente às mudanças socioculturais comuns no quartel final do século XIX.

Mesmo sendo crítico de alguns aspectos da modernidade, inclusive da aceleração da vida cotidiana e de certas correntes filosóficas que chegavam ao Brasil (incluindo o positivismo), suas posições não eram panfletárias. Machado preferia comentar, de forma irônica e com sutileza, certas novidades que se enraizavam no cotidiano. Sobre o autor, afirma Morse (1995, p. 212): “O essencial não é se Machado foi um conservador, ou um jornalista minucioso ou um espectador irônico, mas que ele teve sua própria visão coerente do espetáculo”.

O olhar atento de Machado não deixa passar despercebidas as iniciativas de recriar as touradas naqueles anos finais da década de 1870. Na verdade, sua posição pode ser compreendida a partir mesmo de sua relação com o turfe, que por ele também não era admirado:

Eu sou obrigado a confessar que também lá não ponho os pés, em primeiro lugar porque os tenho moídos, em segundo lugar porque não gosto de ver correr cavalos nem touros. Eu gosto de ver correr o tempo e as coisas; só isso.⁴⁶

Isso não impede Machado de perceber que realmente as touradas “instalaram-se, tomaram pé, assentaram residência entre nós”.⁴⁷ Seu olhar irônico questiona os termos próprios da prática, a idolatria aos toureiros e o debate sobre a qualidade dos touros: “Alguns parecem ser de antes do pecado original, quando no Paraíso, os lobos dormiam com os cordeiros, há quem suspeite que um deles é simplesmente pintado em papel; touro de Cosmorama”. Mais ainda, faz uma analogia com a política: “Outras corridas se preparam na Rua da Misericórdia. Essas são mais animadas, os touros são mais bravos, os capinhas mais fortes. Se esta metáfora ainda não disse ao leitor que eu aludo à câmara temporária, então perca a esperança de entender de retórica, e passe bem”.

Machado, em outras ocasiões, se posicionaria mais claramente contrário às touradas. Na sua crônica de 15 de março de 1877, começa por dizer que não pode dizer exatamente o que se passou no touril, pois lá não esteve: “Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi a vê-lo na praça. Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as”.⁴⁸

Para ele, sequer era necessário comparecer a uma função para saber que não gostava daquele tipo de espetáculo, e o motivo para tal não era uma preocupação com os homens envolvidos, mas sim com o animal, “unicamente com o boi”: “Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade”.

Segundo seu olhar, tratava-se de uma grande hipocrisia promover touradas beneficentes, assim como o era dizer que a prática não era violenta. Para explicitar sua posição, recria um suposto diálogo com um amador de touradas:

— Não imagines que são touradas como as de Espanha. As de Espanha são bárbaras, cruéis. Estas não têm nada disso.

— E entretanto...

— Assim, por exemplo, nas corridas de Espanha é uso matar o touro... Nesta não se mata o touro; irrita-se, ataca-se, esquiva-se, mas não se mata...

— Ah! Na Espanha, mata-se?

— Mata-se... E isso é que é bonito! Isso é que é comoção!...

Entenderam a chave da anedota? No fundo de cada amador de tourada inocente, há um amador de tourada espanhola. Começa-se por gostar de ver irritar o touro, e acaba-se gostando de o ver matar.

Repito: eu gosto simplesmente de o comer. É mais humano e mais higiênico.⁴⁹

Não pensemos, todavia, que o olhar do literato era unidimensional. As touradas o incomodavam, mas também via ao seu redor algum grau de legitimidade. Sua crônica publicada em *O Cruzeiro* é exemplar desse posicionamento.⁵⁰ Machado sabia que o tema dividia a cidade (“Uns devotos riem, enquanto outros devotos choram”), e que o hábito tinha a ver com o próprio desenvolvimento da capital. Lembra que não era exatamente uma novidade: “Uma civilização

imberbe não tolera melhoramentos de certo porte. Cada fruto tem a sua sazão. O circo desapareceu, mas a semente ficou, e germinou, e brotou e cresceu, e fez-se a magnífica árvore [...]”.

Assis até reconhece que devem preponderar os prazeres intelectuais, cujo maior exemplo seria o teatro, mas percebe que “as línguas e os costumes modificam-se com as instituições”, sugerindo que num regime “menos exclusivo, essencialmente democrático, a arte teve de vulgarizar-se”. Isso é, ainda que reforçasse não gostar da prática, chegava a aventar que “farpear um touro ou esculpir o Moisés é o mesmo fato intelectual: só difere a matéria e o instrumento”. Assim, constata:

Faltavam-nos os touros. Os touros vieram, e com eles toda a fraseologia, a nova, a elegante, a longa fraseologia tauromáquica; enfim, veio o bandarilheiro Pontes. Não tive a honra de ver este cavalheiro, que os doutores da instituição proclamam artista de alta escala; mas ele pertence ao número das coisas, em que eu creio sem ver, digo mais, das coisas, em que eu tanto mais creio, quando menos avisto.

Em crônica posterior, ao comentar a organização do Clube Tauromáquico, uma vez mais fazendo uma comparação com o teatro e lembrando que não era mesmo apreciador da prática, chega a defender que a sociedade: “precisa de um forte abalo muscular, precisa de repousar os olhos num espetáculo higiênico, deleitoso e instrutivo. Nem vejo motivo para que adotado o cavalo no Prado Fluminense, não se adote o boi em qualquer outro sítio”.⁵¹ Machado chega a brincar com a possível recepção de seu posicionamento: “Já daqui estou a ver franzidas as sobranceiras liberais do leitor, não mais liberais do que as minhas, que o são, e de bom cabelo; mas enfim, pode-se ser liberal e justo. Uma coisa implica a outra”.

O contraponto entre teatro e corridas de touros já vinha ocorrendo há algum tempo. O anônimo que assina como Hermes observa que, enquanto as casas teatrais não iam bem, “divertimentos bárbaros” iam se consolidando. Para ele, nada mais seria do que um bando de pseudoartistas a maltratar animais, e rogava, por isso, que o chefe de polícia fiscalizasse as funções.⁵²

Ao redor desse debate havia uma compreensão acerca de certo perfil de público educado que não se ajustava às corridas. Junio, na *Revista Ilustrada*, bem identifica essa tensão:

Não sei se os leitores da Revista são tão sensíveis que tenham horror à tourada.
Se não são, alegrem-se, porque brevemente teremos mais essa distração entre nós...
Os jornais líricos podem desde já ir clamando contra a barbaridade...
Eu estou ansioso por ver uma boa pega de frente. As de sarneia, - nem por isso.
São pegadas à falsa fé.⁵³

Continuava-se a cobrar um comportamento adequado do público, e persistia, para alguns, a ideia de que nas praças de touros isso nunca era observado. Por sua vez, alguns admiradores das

corridas denunciavam que a polícia extrapolava suas funções. Um leitor indignado critica o comportamento de um agente e do subdelegado, que expulsaram do redondel um assistente simplesmente porque estava falando alto com outra pessoa, um ato injustificado, a seu ver.⁵⁴ O clima turbulento, por vezes, encorajava ações como a do catraieiro José Joaquim da Conceição, que enfrentou os policiais e foi preso, com dificuldades, por posturas inadequadas e insulto às autoridades.⁵⁵

Em meio a essas tensões, já vimos que não foi autorizado o funcionamento do Clube Tauromáquico. No final de 1879, a licença também não foi concedida para Francisco Pontes promover as corridas que, já há três anos, com frequência vinham se realizando na cidade.

Essa decisão surpreendeu muita gente, e poucas não foram as críticas. Um cronista da *Gazeta de Notícias* ataca o que considera uma injustiça, sem deixar de fazer a ressalva:

Não sou apaixonado por corridas de touros, nem pertencço ao número daqueles que advogam essa causa em nome do melhoramento da raça (dos bois), nem como exercício e espetáculo de bravura (dos homens).⁵⁶

Para ele, haveria de cara um problema sério. A princípio a licença estava concedida até abril, o que fez com que Pontes contratasse o pessoal em Lisboa e investisse muitos recursos para oferecer bons espetáculos. Não parecia justo que fosse cassado o seu direito de promover as corridas exatamente quando anunciara a primeira função.

Para o cronista, parecia absurdo a polícia se meter em assuntos privados, ainda mais que não se justificava a acusação de que era uma atividade bárbara, fazendo uma diferença entre as violentas touradas espanholas e as que, no Brasil, eram oferecidas, à moda portuguesa:

não há o espetáculo repugnante do sangue derramado e dos animais mortos, e o perigo dos artistas é quando muito igual aos dos jóqueis ou antes aos dos acrobatas. Em diversas corridas de touros que têm havido aqui nunca se deu um desastre.

Assim, até para que se cumprisse o que fora antes acordado, não se deixando os investidores em dificuldade, sugere que pelo menos se cumprisse o prazo anterior; ou então que se restituísse aos promotores o capital empregado.

Na verdade, desde abril fora concedida ao chefe de polícia da Corte a prerrogativa de se posicionar antes de a Câmara conceder a licença para divertimentos públicos, notadamente para aqueles que supostamente pudessem interferir na tranquilidade pública ou ocasionar fraude. Tratava-se de um momento de grande turbulência nas ruas, cujo maior símbolo foi o Motim do Vintém. Também no cenário político a população passava a ser mais ativa. (GRAHAM, 1991).

Nessa mesma ocasião, Caetano Augusto Rodriguez pedia autorização para instalar uma praça de touros em Santa Cruz.⁵⁷ Uma vez mais foi negada a licença. Não haveria jeito. Depois de um bom período de funcionamento, a decisão de um chefe de polícia, que obviamente dialogava com certos sentidos e significados do momento histórico, interrompeu a promoção de corridas de touros no Rio de Janeiro.

Seguem as tensões

Só mesmo em maio de 1883 as corridas de touro seriam retomadas no Rio de Janeiro. Uma nova praça foi construída na rua Senador Vergueiro (antigo Caminho Velho de Botafogo). Embora bastante simples, parecia confortável, com as tribunas divididas em camarotes e arquibancadas de sol e de sombra. Antigos personagens estavam envolvidos com a iniciativa, entre os quais Francisco Pontes. Na sessão inaugural, mais de mil pessoas estiveram presentes, inclusive personagens da alta sociedade carioca. Para o jornalista: “A concorrência de ontem e a animação que houve em toda a corrida são uma prova de quanto é popular e atraente o divertimento de que damos conta”.⁵⁸

José do Egypto (Valentim Magalhães) foi um dos primeiros a dar repercussão a essa nova temporada. Narrando o envolvimento (ou a falta de envolvimento) dos monarcas de Brasil e Portugal com as corridas de touros, o autor adota uma postura de equilíbrio: “A tourada não é dos divertimentos mais humanos; todavia, é dos mais estimados, e tanto basta para recomendá-la”.⁵⁹ Não sabia dizer se já era um hábito da sociedade, mas considerava inegável seu sucesso, pois poucos não eram os que compareciam aos eventos. Para ele, o que ocorria é que: “a tourada vai-se decididamente nacionalizando!”.

Egypto faz questão de destacar o que para ele era um dos indicadores de sucesso e de que não era lá tão bárbara a prática – a ampla presença feminina:

As virgens tímidas, muito enfeitadas de plumas, perfumadas de spina-rosa, entremostravam os alvíssimos dentes nas gargalhadas de gosto, ao verem os bandarilheiros impávidos cravarem os implacáveis ferros... de pau, no pobre lombo dos mártires...

As mulheres participavam ativamente do espetáculo, inclusive atirando flores e presentes aos toureiros de maior destaque.

Esse também era um dos argumentos de J. D.: “Eu começo a notar na praça do Caminho-Velho mais de uma constante amadora. Algumas, como a Sra. M. G., as jovens S., a Sra. R. e outras, são infalíveis”.⁶⁰ Para ele, não havia dúvida: “Os sentimentais não têm razão... A

tauromaquia vai conquistando os foros de passatempo elegante e agradável”. O cronista, assim, contesta os que são contrários à prática:

E o Rio de Janeiro prefere ser divertido a ser catequizado. Os filósofos perdem, portanto, o seu tempo – e o seu latim. De mais, eu confesso, ainda não sei qual dos dois animais eles defendem, quando apregoam a barbaridade dessa luta do homem com o touro.

De fato, muitos foram os que celebraram a volta das touradas, sempre narrando com entusiasmo as provas e observando a grande presença de público: “Ora graças a Deus que vamos finalmente ver touros – de palanque. O dia está belo, o céu azul, e o sol despede as suas flechas e venábulos com uma generosidade que alcança até aos próprios camarotes da sombra!”.⁶¹ O articulista que assina K. Pinha não deixa de ironizar o fato de que as corridas de cavalos e de touros tornaram-se os mais esperados acontecimentos da cidade: “Além destas, temos, uma ou outra vez, a corrida mútua dos vereadores a murro, e é raro o dia em que se não assiste pelas ruas alguma corrida de burgueses – a pau”.⁶² “Aos touros!” - essa passou a ser uma expressão comum na boca de muita gente, reproduzida comumente pelos jornais.

Não tardaria o reestabelecimento da velha relação entre touradas e caridade, a partir de então com um cunho político mais pronunciado. Em 13 de junho de 1883, Pontes, “cujo coração generoso tanto se tem distinguido em ações nobres”, entregou à Confederação Abolicionista (entidade que reunia todas as agremiações abolicionistas do Brasil) uma quantia a ser destinada à libertação de escravos. Ficou acordado o oferecimento de uma sessão de corridas com a renda revertida para a causa. A *Gazeta da Tarde* assim se pronuncia frente a tal atitude: “Soldados da bandeira da Redenção, agradecemos por nós ao toureiro ilustre, que faz das suas farpas setas de luz, que vão levar o conforto e a liberdade à noite da escravidão”.⁶³ No dia da prometida “Festa da Liberdade” (29 de junho), esse foi o comentário da *Gazeta da Tarde*: “cada farpa que caía no dorso de um touro, era aureolada pelas lágrimas agradecidas dos escravos”.⁶⁴

Também se deu muito destaque para uma tourada em benefício do Liceu Literário Português, na qual se envolveram, na comissão de organização, algumas conhecidas mulheres da sociedade carioca: Isabel Gonçalves Roque Pinho (casada com o já citado José João Martins de Pinho), Rachel Georgina Haddock Lobo (filha do notório médico e político Roberto Jorge Haddock Lobo), Sophia Emilia Moreira (filha do fazendeiro e Comendador José Antônio Moreira Filho) e Júlia Labourdonnay Gonçalves Roque (viscondessa de Sistelo).⁶⁵

A empolgação com a prática era de tal ordem que se deu a iniciativa de recriação do Clube Tauromáquico. Em novembro de 1883, os sócios fizeram vários ensaios na praça de touros e

elegeram uma diretoria definitiva. Dessa vez, os estatutos foram publicados na *Gazeta de Notícias*.⁶⁶ Pelo documento podemos prospectar um pouco mais do perfil da agremiação.

Os objetivos anunciados demonstram não só o perfil dos envolvidos como certas estratégias utilizadas para responder as críticas à inadequação das touradas. O primeiro fim era contribuir para o aperfeiçoamento do gado nacional: um velho argumento que envolvia a prática com os interesses comerciais da nação. O segundo intuito era a realização de duas corridas anuais, uma delas de caráter beneficente, reforçando uma imagem que há muito vinha sendo construída. O terceiro fim se articulava com o primeiro: estabelecia um prêmio para criadores. Por último, uma meta interna: construir uma arena e um local de criação de touros. A despeito de bem estruturada, por motivos que não conseguimos prospectar, a agremiação não foi adiante.

Como de costume, cada vez que recomeçavam as corridas ressurgiam os debates, tanto de temas internos à tauromaquia quanto no tocante à adequação da prática. O cronista da *Gazeta da Tarde*, por exemplo, criticou a prova de curiosos, porque nessas ocasiões não se veria manifesta a arte tauromáquica, mas sugeria ser uma perda de tempo discutir a violência do espetáculo, já que, uma vez mais o velho argumento, era realizado à moda portuguesa. Mais ainda, articula um argumento político contextual: “Compreende-se que elas se proibam em países onde há proteção para os animais; mas entre nós, onde não há essa proteção, nem para os homens, como sucede com os escravos, seria ridículo tal ostentação hipócrita de humanidade”.⁶⁷ Ainda assim, não aceitava o argumento de contribuição para o desenvolvimento da raça bovina: “É princípio capital em Zootecnia fazer desaparecer a ferocidade natural nos animais, cujas raças pretendem melhorar [...]. Este argumento peca por ser antieconômico e anticientífico”.

Já o cronista de *O Mequetrefe*, que assina como “Eloy, o Herói” (provavelmente Arthur Azevedo), tem um posicionamento explicitamente contrário às touradas. Tendo recebido ingresso para comparecer a uma função, agradece a Pontes, mas pede que o dispense de qualquer favor, já que: “A redação atual do Mequetrefe é implacavelmente adversa a corridas de touros, e não deseja de modo algum concorrer para que esse bárbaro divertimento logre introduzir-se nos nossos usos e costumes”.⁶⁸

Para ele, nenhum país civilizado tinha touradas. No caso de Portugal e Espanha, era um sinal de atraso. A prática, felizmente, não estaria na índole do brasileiro; no olhar do cronista, até mesmo os touros nacionais “são animais de uma prudência, de uma modéstia e de um bom senso admiráveis; eles têm plena convicção de que vieram ao mundo para ser comidos e não farpeados”.

Argumentos também contrários, de forma mais direta e contundente, são apresentados pelo *Diário do Brazil*: “Nós, no caso do polícia, não consentiríamos aquele bárbaro divertimento, se se pode chamar divertimento àquilo que lá se pratica”.⁶⁹ Foi o periódico que até então mais cobrou uma ação enérgica: “Para domingo está anunciada uma tourada nos fundos da cocheira da Cidade

Nova. Não cansaremos de perguntar à polícia porque continua a consentir aquele bárbaro e repugnante divertimento”.⁷⁰

Tratava-se de um claro discurso sustentado por uma ideia de civilização: aquela que vinha de Paris e que devia substituir antigos e antiquados símbolos.⁷¹ Nesse sentido, as touradas eram, de alguma forma, um contraponto a tais parâmetros. Para ser mais preciso, eram um indício de que havia releituras de ideais de modernidade a partir das peculiaridades locais.

Assim, a despeito do sucesso e de ser por muitos defendida, sempre pairavam sobre as touradas ameaças de proibição. Em sessão ordinária da Câmara, realizada em 26 de junho de 1884, comunica-se que uma vez mais não se concederiam licenças para as corridas, e a polícia é informada de que deveria tomar as devidas providências para cumprir a decisão.

Os jornais logo repercutem a medida. Celebrando o que considera uma das melhores corridas até então realizadas na cidade, promovidas em 29 de junho, lamenta o jornalista da *Revista Ilustrada*:

Com efeito, a tourada de domingo vai ficar célebre ainda pela circunstância de ser a última tourada do Rio de Janeiro. Pois é esta a vontade do Alto, segundo se diz. Eu não acreditarei que S. M. o imperador desça a ocupar-se de touros e touradas; e seria ainda singular que esperasse tanto tempo para manifestar a sua antipatia por divertimento que tantas vezes foi explorado no Rio de Janeiro.⁷²

Para o cronista, parecia absurdo terem autorizado a construção do redondel e depois proibirem sua função principal. De sua parte, Francisco Pontes, que já fora antes surpreendido com decisões semelhantes, tenta se mover. Intercede inicialmente junto à polícia da Corte.⁷³

Constando de expediente do Jornal do Comércio de 28 de junho último ter a Ilma. Câmara resolvido não conceder licença para touradas, rogo a V. Ex. de conceder-me cópia dessa deliberação a fim de que possa dirigir-me relativamente às solicitações que possa ter para esse gênero de divertimento. Outrossim, rogo a V. Ex. se digne declarar-me se antes da aludida deliberação houve no correr do ano p. p. alguma licença para touradas e que estejam em vigor.

Nessa mesma data, solicita “que lhe seja concedida a licença para efetuar e continuar a dar espetáculos tauromáquicos na praça da rua Visconde de Itaúna n. 73, visto ter tido já licença a construção da referida praça”.⁷⁴ Ao fim, foi concedida autorização para que as corridas fossem realizadas até o fim do ano. Pairou em todo o período a expectativa de fim, alguns o celebrando, outros lamentando.

Em 16 de novembro, foi promovida, a título de despedida de Pontes, a última atividade da arena da Visconde de Itaúna. Foram organizadas, além das corridas de touros, uma exibição de um

artista que enfrentava o fogo e uma corrida a pé de 1000 metros. Em janeiro de 1885, uma notícia nos jornais dá conta do definitivo fim do redondel:

Praça de touros
Rua Visconde de Itaúna 73
Vende-se grande quantidade de madeira, a saber: cancela, forro, couçoeiras de Riga, mourões e muitas outras madeiras já pintadas e balaústres, próprios para coretos, para as festas de Carnaval e arraiais [...].⁷⁵

Uma vez mais estavam suspensas as touradas na capital do Império.

À guisa de conclusão

Percebe-se ao redor das touradas um incrível quadro de cruzamento de referências. De um lado, por seu passado, era um espetáculo profundamente ligado à monarquia. Mas o imperador brasileiro, sempre aspirando representar-se e ao país que governava como adeptos da ideia de civilização, não apoiava a iniciativa, jamais tendo comparecido a alguma atividade. Com isso não somente marcava sua sensibilidade distinta, reforçando a ideia de que tentava promover o progresso da nação, como também buscava se afastar de referências coloniais: ainda que tivesse algum grau de relação com Portugal, esse o era completamente distinto do que o fora no caso de seu pai.

Esse, aliás, é outro traço da trajetória das corridas em terras cariocas: jamais deixou de ser uma lembrança do antigo colonizador, algo que se acentuava com os debates sobre sua adequação, ocasiões em que a moda portuguesa era contrastada com a espanhola. Era, assim, para alguns, presença incômoda não somente por sua inadequação civilizacional, mas também porque lembrava algo que deveria ser definitivamente superado.

Além disso, de um lado, as touradas eram uma prática profundamente ligada aos costumes da aristocracia, mais afeitas a uma urbe pequena, cercada por uma grande zona rural, como o fora o Rio de Janeiro notadamente até os anos 1850. O crescimento da cidade e o surgimento de um maior e mais influente setor empresarial, aliados às mudanças de mentalidade em curso, poderiam ter decretado sua extinção. Mas não foi isso que ocorreu. Aliás, curiosamente, até mesmo um setor da burguesia nacional delas se aproximou e fez uso para divulgar suas bandeiras (como o abolicionismo). Mais ainda, argumentou-se sobre sua importância na preparação de um cidadão mais ativo e disposto a defender a nação, um debate que se cruzava com outras exigências sociais do momento.

A República estava por vir, e os discursos de mudança que existiam a seu redor, talvez, finalmente tornariam idiossincráticas as touradas, apontando para seu fim. Curiosamente, não foi isso que ocorreu. Já em 1888, as corridas voltaram a se realizar. Há uma novidade que merece ser

registrada. Em *O País*, as corridas passam a ser noticiadas – na coluna “Diversões”, subitem “Sport”. Pode parecer uma mera mudança retórica, uma simples estratégia jornalística, uma boba coincidência. Mas devemos considerar que, como vimos no decorrer desse artigo, as touradas vinham se aproximando do modelo e dos discursos do esporte.

A chegada da República, em 1889, definitivamente não significaria, pelo menos a princípio, o fim das touradas. Ao contrário, nas suas duas primeiras décadas, as corridas chegariam a seu auge na cidade, somente se extinguindo na capital em 1908, quando foram definitivamente proibidas pelo Decreto nº 1.173, de 12 de maio.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Vale de. Marialvismo. Fado, touros e saudade como discursos da masculinidade, da hierarquia social e da identidade nacional. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 37, n. 1-2, p. 41-66, 1997.

BATALHA, Claudio. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. **Arquivos do AEL**, Campinas, v. 6, n. 10/11, p. 41-67, 1999.

BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010)** – volume 2 – A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 131-178.

BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010)** – volume 2 – A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 225-180.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CARVALHO, José Murilo. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010)** – volume 2 – A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 83-130.

FERREIRA, Marie-Jo. **Os portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX**. Rio de Janeiro: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007/palestra_MarieJoFerreira.pdf. Acesso em 8 jun. 2013.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. **No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916**. Rio de Janeiro/Niterói: Arquivo Nacional/Muiraquitã, 2008.

FREITAS FILHO, Almir Pita. A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. In: LESSA, Carlos (org.). **Os Lusíadas na aventura do Rio moderno**. Rio de Janeiro: Record/Faperj, 2002, p. 163-198.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. O Motim do Vintém e a cultura política no Rio de Janeiro – 1880. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 211-232, mar.-ago. 1991.

KARLS, Cleber Eduardo; MELO, Victor Andrade de. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. **História Unisinos**, v. 18, n.1, jan-abr. de 2014. No prelo.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary del, MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 35-70.

MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 365-392, 2013.

MORSE, Richard. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 205-225, 1995.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAULA, João Antônio de. O processo econômico. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 2 – A construção nacional (1830-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 179-224.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEID, Elisabeth von der. O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro. **Siglo XIX**, Cidade do México, n. 16, p. 78-103, 1994.

Notas

¹ GAZETA DE NOTÍCIAS, 4 dez. 1876, p. 2. Optei por atualizar o português de todas as citações.

² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 6 nov. 1870, p. 1.

³ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 20 nov. 1870, p. 1.

⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS, 9 nov. 1876, p. 2.

⁵ SEMANA ILUSTRADA, 9 nov. 1876, p. 6290. Machado de Assis escreveu várias dessas colunas. Todavia, ela também era escrita por outros literatos. Logo, não é possível afirmar que esse texto seja de sua lavra.

⁶ Até então as praças eram construídas na região central da cidade.

⁷ Alguns exemplos de fábricas instaladas no Rio de Janeiro: Fábrica de Fiação, Tecidos e Tinturaria Aliança (Laranjeiras, 1880), Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado (Jardim Botânico, 1889), Companhia de Fiação e Tecelagem Carioca (Jardim Botânico – Horto, 1890), entre outras.

⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS, 9 dez. 1876, p. 1.

⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS, 18 dez. 1876, p. 2.

¹⁰ Parece ter sido mesmo chuvoso aquele fim de primavera de 1876. O satírico *O Mosquito*, de 30 de dezembro de 1876, ironiza: “Deus me perdoe se é um falso testemunho, mas esta abundância de águas do céu foi-nos trazida do Rio da Prata pelos touros do Sr. Frascuelo. Antes de começarem as touradas estávamos no gozo de um começo de verão cheio de promessas para os aguadeiros, e os médicos começavam a calcular pelos dedos quantas visitas a cinco mil réis se podem fazer, sem exagero, das 6 da manhã às 4 da tarde. Chega o matador Frascuelo e chega o capinha Barca: começa a chuva, que é uma consumição de botas grossas que Deus nos acuda” (p. 6).

¹¹ GAZETA DE NOTÍCIAS, 25 dez. 1876, p. 2.

¹² GAZETA DE NOTÍCIAS, 25 dez. 1876, p. 2.

¹³ GAZETA DE NOTÍCIAS, 25 dez. 1876, p. 2.

¹⁴ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 26 e 27 dez. 1876, p. 3.

¹⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS, 6 jan. 1877, p. 2.

- ¹⁶ Ver, por exemplo, a **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 16 jan. 1877, p. 2.
- ¹⁷ **O GLOBO**, 1 jul. 1877, p. 2.
- ¹⁸ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 3 mar. 1877, p. 3.
- ¹⁹ **O GLOBO**, 11 mar. 1877, p. 1.
- ²⁰ A arte de tourear vai mesmo marcar a construção do “marialvismo”, termo que se origina do livro lançado pelo Marquês de Marialva, um dos que lançou as bases do toureio a cavalo. Trata-se de uma noção que vai se conformar como uma tradição conservadora: o provinciano em oposição ao cidadão, uma contraposição ao libertino, a proposição de se afastar de parâmetros europeus ilustrados. Marca, de fato, uma especificidade na construção identitária portuguesa. ALMEIDA, Miguel Vale de. Marialvismo. Fado, touros e saudade como discursos da masculinidade, da hierarquia social e da identidade nacional. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 37, n. 1-2, p. 41-66, 1997.
- ²¹ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 12 mar. 1877, p. 1.
- ²² **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 6 mar. 1877, p. 1.
- ²³ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 14 mar. 1877, p. 1.
- ²⁴ **O MOSQUITO**, 17 mar. 1877, p. 7.
- ²⁵ **O GLOBO**, 11 mar. 1877, p. 1.
- ²⁶ Vários jornalistas e literatos utilizaram esse pseudônimo. Cruzando as informações, é possível que esse texto seja da lavra de José do Patrocínio.
- ²⁷ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 8 nov. 1877, p. 1.
- ²⁸ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 8 nov. 1877, p. 1.
- ²⁹ Provavelmente trata-se de Cardoso de Menezes.
- ³⁰ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 9 nov. 1877, p. 1.
- ³¹ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 17 nov. 1877, p. 1.
- ³² **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 8 nov. 1877, p. 1.
- ³³ **O CRUZEIRO**, 1 ago. 1878, p. 1.
- ³⁴ **O CRUZEIRO**, 18 jun. 1878, p. 3.
- ³⁵ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 30 mar. 1879, p. 1.
- ³⁶ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 30 mar. 1879, p. 2.
- ³⁷ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 17 jun. 1878, p. 2.
- ³⁸ Para um debate sobre a dinâmica das touradas, ver CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.
- ³⁹ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 9 jun. 1878, p. 1.
- ⁴⁰ Pontes também fez fama e dinamizou as touradas em outras cidades, como São Paulo, Pelotas e Porto Alegre. KARLS, Cleber Eduardo; MELO, Victor Andrade de. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. **História Unisinos**, v. 18, n.1, jan-abr. de 2014. No prelo.
- ⁴¹ **DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO**, 7 abr. 1877, p. 4.
- ⁴² **CORREIO DO BRASIL**, 25 out. 1872, p. 2.
- ⁴³ **REVISTA ILUSTRADA**, 31 dez. 1876, p. 7.
- ⁴⁴ **O GLOBO**, 20 set. 1876, p. 3.
- ⁴⁵ **REVISTA ILUSTRADA**, 16 fev. 1878, p. 3.
- ⁴⁶ **ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA**, 15 ago. 1876, p. 1.
- ⁴⁷ **ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA**, 1 jan. 1877, p. 1.
- ⁴⁸ **ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA**, 15 mar. 1877, p. 1.
- ⁴⁹ **ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA**, 15 mar. 1877, p. 1.
- ⁵⁰ **O CRUZEIRO**, 16 ago. 1878, p. 1.
- ⁵¹ **O CRUZEIRO**, 21 jul. 1878, p. 1.
- ⁵² **O REPÓRTER**, 7 ago. 1879, p. 3.
- ⁵³ **REVISTA ILUSTRADA**, 5/ jan. 1878, p. 7.
- ⁵⁴ **A REFORMA**, 20 fev. 1877, p. 3.
- ⁵⁵ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 18 fev. 1878, p. 2.
- ⁵⁶ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 14 dez. 1879, p. 1.
- ⁵⁷ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 21 abr. 1879, p. 2.
- ⁵⁸ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 14 mai. 1883, p. 2.
- ⁵⁹ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 4 jun. 1883, p. 2.
- ⁶⁰ **A ESTAÇÃO**, 31 jul. 1883, p. 157.
- ⁶¹ **REVISTA ILUSTRADA**, 9 jun. 1883, p. 3.
- ⁶² **O MEQUETREFE**, 10 jun. 1883, p. 6.
- ⁶³ **GAZETA DA TARDE**, 25 jun. 1883, p. 2.
- ⁶⁴ **GAZETA DA TARDE**, 30 jun. 1883, p. 1.
- ⁶⁵ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 5 jul. 1883, p. 2.
- ⁶⁶ **GAZETA DE NOTÍCIAS**, 18 nov. 1883, p. 4.
- ⁶⁷ **GAZETA DA TARDE**, 13 jun. 1884, p. 2.

⁶⁸ **O MEQUETREFE**, 20 jun. 1884, p. 6.

⁶⁹ **DIÁRIO DO BRASIL**, 12 jul. 1884, p. 2.

⁷⁰ **DIÁRIO DO BRASIL**, 18 jul. 1884, p. 2.

⁷¹ Para um debate sobre essa circulação de ideias europeias, ver NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁷² **REVISTA ILUSTRADA**, 30 jun. 1884, p. 3.

⁷³ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Guia de Fundos, volume III. Diversões públicas: pedidos de licença 1870-1899. Código de identificação: 42.3.19. Secretaria da Polícia da Corte. Rio de Janeiro, 3 jul. 1884.

⁷⁴ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Guia de Fundos, volume III. Diversões públicas: pedidos de licença 1870-1899. Código de identificação: 42.3.19. Secretaria da Polícia da Corte. Rio de Janeiro, 3 jul. 1884.

⁷⁵ **O PAÍS**, 31 dez. 1885, p. 4.

Victor Andrade de Melo é professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/Instituto de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento do CNPq e da FAPERJ.

Recebido em agosto/2013.

Aprovado em novembro/2013.